



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Artur Azevedo
O Liberato



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O Liberato
Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1888.

Livro Digital nº 515 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O LIBERATO

COMÉDIA OFERECIDA AO EXCELENTÍSSIMO
SENHOR DOUTOR JOAQUIM NABUCO



Representada pela primeira vez no Teatro Lucinda do Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1881.

PERSONAGENS:

GONÇALO

DOUTOR LOPES

RAMIRO

MOREIRA

DONA PERPÉTUA

ROSINHA

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, em 1880. O teatro representa uma sala. Duas janelas ao fundo, duas portas de cada lado, quatro cadeiras e uma poltrona, consolos.

CENA I

Rosinha, debruçada a uma das janelas; Dona Perpétua, entrando da esquerda, primeiro plano; logo depois Gonçalo, da direita, segundo plano.

DONA PERPÉTUA (*entrando de muito mau humor, com um vergalho na mão*)

Ora valha-me Deus! Não me faltava mais nada!...

ROSINHA e GONÇALO (*descendo ao proscênio*)

O que foi?

DONA PERPÉTUA

O diabo do negro — Deus me perdoe! — agora é que se lembrou de cair doente! Como até estas horas não saía do quarto, fui buscá-lo preparada com este vergalho, e encontrei-o ardendo em febre. Desavergonhado!

GONÇALO (*timidamente*)

O Liberato?

DONA PERPÉTUA

O Liberato, sim senhor Pois quem havia de ser? É surdo? Que inferno! Esta só a mim acontece!

ROSINHA

É coisa de cuidado?

DONA PERPÉTUA

Um negro nunca tem coisa de cuidado! E este diabo, se não fosse valer uns oitocentos mil réis...

GONÇALO

Vou chamar o médico?

DONA PERPÉTUA

Vá, homem de Deus, vá! Mexa-se, com todos os demônios! Parece estar a dormir!

GONÇALO (*vai buscar o seu chapéu sobre o consolo que deve estar entre as duas janelas, e dirige-se para a esquerda, segundo plano. A Rosinha, que se dirige à porta da esquerda, primeiro plano*)

Onde vai?

ROSINHA (*naturalmente*)

Vou ver o Liberato;

DONA PERPÉTUA (*com autoridade*)

Fique! (*Rosinha volta e vai para a janela*) Por causa destas e de outras confianças, é que o demônio do negro...

GONÇALO (*quase a sair, parando*)

Adoeceu?

DONA PERPÉTUA

Cale-se. (*Gonçalo desaparece*) Agora vá lá ficar o dia inteiro, como é seu costume! Que marido! (*Sai pela direita, segundo plano*)

CENA II

Rosinha, só.

ROSINHA (*à janela. Ouvindo dar horas tem um gesto de impaciência e desce ao proscênio*)

Duas horas, e primo Ramiro nada de aparecer! A que será devida esta demora? É o primeiro domingo em que não aparece logo depois do meio dia! Estará doente? (*Aplicando o ouvido*) Parece que sobem a escada... Deve ser ele... É ele, é, não me engano... (*Aparece Moreira da esquerda, segundo plano. Vendo-o, despeitada*) — Ora!

CENA III

Rosinha, Moreira.

MOREIRA (*entrando*)

Licença para um. (*Dirigindo-se a Rosinha, com muita amabilidade*)
Como tem passado, Dona Rosinha? Tem passado bem?

ROSINHA (*secamente*)

Bem, obrigada.

MOREIRA (*sentando-se na poltrona. Tem deixado o seu chapéu sobre o consolo que estará entre as duas portas da esquerda*)

Eu vou indo conforme Deus é servido. (*Tomando uma pitada de tabaco, movimento este que repete quatro ou cinco vezes durante a peça*)
Mamãe está boa?

ROSINHA

Boa, obrigada. (*Vai à janela, a ver se chega o primo*)

MOREIRA

Não lhe pergunto por papai, porque o encontrei ali na esquina. Disse-me que ia chamar o médico para ver o negro, que caiu doente. Isto de negros, põem-se finos com duas lambadas. Lá na fazenda, tenho o Doutor Bacalhau que faz milagres!

ROSINHA (*voltando da janela*)

O senhor viu por aí primo Ramiro?

MOREIRA (*muito sério*)

Vi, minha senhora, e também vi seu tio!

ROSINHA (*interessada*)

Onde?

MOREIRA

Na tal conferência!

ROSINHA

Que conferência?

MOREIRA

Pois não sabe que se trama entre nós uma grande conspiração contra a propriedade particular?

ROSINHA

Uma grande conspiração?

MOREIRA

Que meia dúzia de rapazolas inconsequentes, que nada tem que perder, que não possui um moleque ou uma negrinha para remédio, arvorou-se em defender a emancipação dos escravos, empunhando o facho da discórdia, e anda a proclamar *urbi et orbi* — pelos botequins, pelas gazetas e até pelos teatros — a dilapidação da fortuna particular?!

ROSINHA

Deveras?

MOREIRA

Em outra qualquer parte que não fosse o Rio de Janeiro, isto seria uma quadrilha de ladrões; aqui chama-se a isto o Partido Abolicionista! (*Erguendo-se percorrendo a cena, de muito mau humor*) Pois não! Uma gente sem eira nem beira, nem ramo de figueira: uns pobres diabos, carregados de esteiras velhas, que se ralam de inveja, quando vêm um cidadão prestante como eu, que possuo cinquenta escravos, ganhos com o suor do meu rosto! (*Surpreendendo um sorriso de Rosinha*) Sim, senhora: ganhei-os com o suor do meu rosto, a trabalhar, (*gesto como se tirasse suor da testa com o polegar*) e não a dizer baboseiras no teatro...

ROSINHA

E foi no teatro que se encontrou com primo Ramiro?

MOREIRA

No teatro, sim, senhora: agora há comédias também de dia. E seu primo dava palmas e gritava: — Bravo! — àquela caterva de desmiolados que desejam a ruína do país!

ROSINHA

Oh!

MOREIRA

Do país, sim, que depositou na grande lavoura as suas esperanças. — E seu tio, o Doutor Lopes, um homem formado, que deve ter juízo, nem sequer repreendia o filho!

ROSINHA

Modere-se, Senhor Moreira!

MOREIRA (*esbravejando*)

A ruína do país ainda não é nada!... Mas o aniquilamento da riqueza particular? E o meu dinheiro?

ROSINHA

Vejo que o senhor é um patriota...

MOREIRA

Patriotismo é isto (*bate no ventre*) e isto. (*Sinal de dinheiro*) Já não bastava a famosa lei de 28 de setembro, que me obriga a educar moleques que não são meus filhos, e que, se são meus filhos, não são meus escravos! Canalha! (*Muito exaltado, e ameaçando, com os punhos cerrados, a porta da rua*) Canalhas!

ROSINHA

Modere-se.

MOREIRA

Tem razão; o melhor é não dar-lhes importância. (*Põe-se de novo a passear pela sala, proferindo frases entrecortadas. Acalma-se pouco a pouco. Rosinha, durante este passeio, vai de novo à janela ver se chega o primo, e volta. Pausa*)

ROSINHA

Com que então, o senhor tem cinquenta escravos, hein?

MOREIRA (*muito amável, pegando-lhe na mão*)

Cinquenta escravos que serão seus no dia em que consentir que eu peça a seus pais esta mãozinha.

ROSINHA (*admirada*)

Que a peça? Mas... para quem?

MOREIRA

Para mim mesmo; pois para quem há de ser?

ROSINHA (*retirando-lhe a mão, sorrindo*)

Neste caso, desconfio, meu caro senhor, que os seus escravos nunca serão meus.

MOREIRA (*desabridamente*)

Veremos.

ROSINHA

Hein?

MOREIRA

Pois não é tão bom possuir cinquenta escravos? Cinquenta e um, porque eu serei o mais humilde, o mais cativo de todos os seus cativos.

ROSINHA

Se julga que os meus pais disponham de mim com a mesma facilidade com que o senhor pode dispor de seus escravos...

MOREIRA

Mas, Dona Rosinha...

ROSINHA

O senhor bem sabe que meu coração já está dado, e vamos e venhamos — muito bem dado.

MOREIRA

Ora o seu coração! Sei que a namora o tal primo Ramiro; mas entre o namoro de um rapaz estabonado, que vai dar palmas a discursos de demagogos de meia tigela, e o amor calmo e refletido de um homem de senso prático, deputado provincial, proprietário agrícola e senhor de cinquenta escravos, não me parece que haja hesitação possível!

ROSINHA (*à parte*)

É divertido!

MOREIRA

E depois, nunca ouviu falar das desastrosas consequências de matrimônios entre parentes consanguíneos? Quer ter filhos idiotas?

ROSINHA (*baixando os olhos*)

Senhor Moreira...

MOREIRA

E eu... como não sou seu primo...

ROSINHA

Não é meu primo... (*Rindo-se*) mas podia ser meu avô...

MOREIRA

Não exagere: eu tenho apenas cinquenta anos.

ROSINHA

Justamente o número de escravos. Nada: prefiro ter filhos idiotas a ter um marido velho. Demais, Deus é bom e misericordioso: não há de permitir que eu seja mãe de idiotas.

MOREIRA

Se tiver filhos perfeitos, onde irá buscar meios para educá-los? Seu primo é um simples praticante de secretaria...

ROSINHA

Amanuense, aliás.

MOREIRA

Ou isso. Eu tenho talvez o dobro da idade dele, não nego; mas gozo de uma posição social definida. Tenho influência política... Não sou amanuense. Ser lavrador é tudo...

ROSINHA (*atalhando*)

...neste país essencialmente agrícola, já sei... Vou prevenir mamãe de sua visita... (*Vai a sair pela direita, segundo plano, e volta-se*) Diga-me cá, Senhor Moreira: seus pais eram primos? Ah! Ah! Ah!... (*Sai*)

CENA IV

Moreira, só.

MOREIRA

Ri-te, ri-te, minha sirigaita. Eu cá farei a cama a teu primo, que é o único obstáculo que se levanta entre nós. Era o que me faltava ver! Ser vencido por amanuense, eu, que sou senhor de trinta escravos...sim, porque, cá entre nós, só tenho trinta escravos. — Ao pai já falei... Mas o Gonçalo nada resolve por si... Felizmente a velha não morre de amores pelo tal priminho... Hei de falar-lhe hoje mesmo... *(Depois de uma pequena pausa)* Ah, Major Gaudêncio! Major Gaudêncio! você é que é a causa destas declarações inoportunas de um amor que não sinto. — O caso é este; o Major Gaudêncio, o padrinho desta pequena, é um velho octogenário, que quebrou relações com o compadre por via das impertinências da comadre, e retirou-se para Maricá. Ora, aqui há coisa de mês e meio, o Major Gaudêncio disse-me em confiança que fizera o seu testamento e, não tendo parentes, instituíra a afilhada herdeira universal de Todos os seus bens, que hão de orçar por trinta ou quarenta contos. — Estou, por conseguinte, empregando meios e modos para apanhar esta sorte grande... O diabo é que isto de primos...

CENA V

Moreira, Rosinha, depois Gonçalo.

ROSINHA *(da direita, segundo plano)*

Mamãe pede-lhe que faça o favor de ir ter com ela; espera-o na sala de jantar.

MOREIRA

Lá vou. *(Vai saindo pela direita, segundo plano, e para)* Reflita bem: com seu primo, a miséria dos amanuenses; comigo, uma bela fazenda de café, cinquenta escravos, meia dúzia de apólices de conto de réis e, quando quiser, um título de baronesa. *(Sai)*

ROSINHA *(só)*

Nem todo o ouro da terra, nem todos os títulos do mundo me fazem esquecer do meu Ramiro. *(Aplicando o ouvido)* Sobem a escada... Oh!

desta vez não pode deixar de ser ele! (*Vendo entrar o pai da esquerda, segundo plano, despeitada*) Ora!

GONÇALO

Já chamei o médico. Onde está mamãe?

ROSINHA

Lá dentro, na sala de jantar. (*Gonçalo vai saindo*) Está lá também o Senhor Moreira.

GONÇALO (*parando*)

Ah, está lá o Moreira? (*Coçando a cabeça*) Este Moreira... (*Resolutamente, depois de uma pequena pausa*) Olha, minha filha, tu sabes como é tua mãe... Se ela quiser, não queiras!

ROSINHA

O quê?

GONÇALO

Não queiras senão teu primo. Bate-lhe o pé! Se eu estiver do lado da tua mãe, não faças caso: bate-me o pé também a mim...

ROSINHA

Mas...

GONÇALO

Aí vem teu primo. Amem-se à vontade. (*Sai*)

ROSINHA

Ele! Finalmente!... (*Corre ao encontro de Ramiro, que entra como um raio, pela esquerda, segundo plano, e conserva o chapéu na cabeça*)

CENA VI

Rosinha, Ramiro.

RAMIRO

Prima!

ROSINHA

Por que não vieste há mais tempo?

RAMIRO

Hoje quase morri!

ROSINHA

Credo!

RAMIRO

De entusiasmo!

ROSINHA

Respiro.

RAMIRO

Que talentos! que ideias! que eloquência! que mocidade!

ROSINHA

Nunca te vi assim!

RAMIRO

Pudera! Se eu nasci hoje! Até agora, tu, só tu enchias o meu coração; doravante tens uma rival: a liberdade! É que nunca me lembrei de que um milhão e meio de homens amargam neste país a sorte mais bárbara, o mais horrível destino! (*Passando*) Oh! viva a liberdade, formosa deusa que ilumina o mundo!

ROSINHA

Que entusiasmo! Não me faças tu ter ciúme da liberdade!

RAMIRO

Onde está teu pai!

ROSINHA

Está lá dentro, mas dize-me...

RAMIRO

Onde está tua mãe?

ROSINHA

Lá dentro. Mas... o que tens tu?

RAMIRO

E o Liberato?

ROSINHA

Está doente.

RAMIRO

Vai chamar teu pai, vai chamar tua mãe, vai chamar o Liberato!

ROSINHA

Mas se te acabo de dizer que o Liberato está doente?

RAMIRO (*com piedade*)

Doente! doente!... (*Outro tom*) Quero aqui reunido um conselho de família!

ROSINHA

Um conselho de família! Mas o que será, meu Deus!

RAMIRO

Vai, Rosinha, vai... Trago no coração um peso enorme! Meu pai não pode tardar aí. A sua presença também é indispensável.

ROSINHA

Mas como estás hoje! Tira o chapéu, dá cá a bengala. (*Ramiro obedece. Triste*) Nem sequer me perguntaste como passei.

RAMIRO (*tomando-lhe as mãos*)

Perdoa, Rosinha, perdoa. Amo-te muito, muito, muito! És um anjo, e eu só me considerarei digno de ti, depois deste conselho de família! — vai chamar teus pais.

ROSINHA

Vou já. (*Sai pela direita, segundo plano, depois de ter posto a um canto a bengala e o chapéu do primo. Ramiro vai ao encontro de Lopes, que entra da esquerda, segundo plano*)

CENA VII

Ramiro, Doutor Lopes.

RAMIRO

Ah, meu pai! Chega em boa ocasião! Mas por que não veio comigo?

LOPES

Tinha que ir à casa consultar a lei e arranjar os quinhentos mil réis. (*Batendo na cabeça*) Cá está a lei (*Batendo na algibeira do peito*) e cá está o dinheiro.

RAMIRO

Compreendo: o pecúlio do escravo.

LOPES

Já lhes falaste?

RAMIRO

Ainda não. Convoquei-os a um conselho de família, aqui na sala.

LOPES

Entusiasmou-me o teu entusiasmo, e a tua humanitária lembrança me encheu de orgulho de ser teu pai. És o homem que eu sonhava, quando te acalentava ao colo. No período abolicionista que atravessamos, ser escravagista já não é mau nem absurdo: é ser ridículo.

RAMIRO (*olhando para a porta da direita, segundo plano*)
Eles aí vem... Eles e... e o Moreira, se não me engano.

LOPES
O Moreira? Má notícia.

CENA VIII

Ramiro, Lopes, Rosinha, Dona Perpétua, Moreira, Gonçalo.

DONA PERPÉTUA (*Com impertinente volubilidade, enquanto Rosinha toma a benção a Lopes, e Gonçalo e Moreira, cumprimentam Lopes e Ramiro*)

Viva lá, senhor meu sobrinho! Então Vossa Excelência não se quis dar ao trabalho de entrar? Se nos queria falar, por que não foi lá ter, senhor fidalgo? Quem tem a dor de dentes é que vai ao barbeiro. Tão longe era de cá lá como de lá cá! (*Vendo o Doutor Lopes*) Olé! também aí está, senhor meu mano? Viva! Como vai de saúde o senhor advogado? Há de fazer o favor de me explicar que farsa é esta de conselho de família, que a Rosinha não soube dizer. Estamos Todos reunidos. Diga lá o que pretende, senhor meu sobrinho das dúzias!

LOPES (*à parte*)
É uma máquina Marinoni a falar!

MOREIRA
Perdão, mas ao que parece, sou aqui demais.

LOPES (*com desembaraço*)
Na realidade, uma vez que se trata de um conselho de família...

RAMIRO (*idem*)
E não pertencendo o senhor Moreira à família...

LOPES (*idem*)
Que nos conste...

DONA PERPÉTUA

Não pertence à família, mas... quem sabe? O mundo dá tantas voltas...

MOREIRA

Isso é verdade, minha senhora: as voltas que o mundo dá! (*Indo buscar o seu chapéu à esquerda*)

DONA PERPÉTUA

Fique. (*Toma-lhe o chapéu, e coloca-o onde estava*) O Senhor Moreira é pessoa de nossa amizade; pode assistir ao conselho; pode mesmo tomar parte dele.

MOREIRA

Nesse caso, peço licença para representar aqui o Major Gaudêncio, que é um quase parente.

DONA PERPÉTUA

Bem lembrado: representa o compadre Gaudêncio. (*Moreira senta-se*)

LOPES

A falar no Major Gaudêncio. Aqui tem, mano Gonçalo, uma carta de Maricá... Entregou-ma o carteiro, no corredor, quando eu subia.

DONA PERPÉTUA (*tomando a carta que ia ser entregue ao marido*)

Dê cá. Nesta casa sou eu que abro as cartas. Lerei logo mais, não tenho aqui meus óculos. (*Fica com a carta fechada na mão*)

MOREIRA (*passando perto de Rosinha*)

Este mundo dá tantas voltas!

RAMIRO (*que observou*)

O que lhe diria ele?

LOPES

Bem, sentemo-nos. (*Colocando a poltrona no centro da cena*) Este é o lugar de honra; deve ficar aqui o dono da casa, para presidir o conselho.

DONA PERPÉTUA (*sentando-se na poltrona*)
O dono da casa sou eu.

LOPES
Perdão, mana, mas a casa é de Gonçalo.

DONA PERPÉTUA (*repoltreada*)
Por isso mesmo.

LOPES
A... mana manda mais que o galo.

DONA PERPÉTUA (*erguendo-se de um salto*)
Observo-lhe, senhor meu mano, que eu não sou galinha.

LOPES
Bem! Não val'zangar-se. (*Colocando duas cadeiras de cada lado da poltrona*) Senta-te aqui Ramiro. (*Fá-lo sentar-se na primeira cadeira a começar da esquerda*) Rosinha, tu aqui. (*Na segunda*) O Senhor Moreira ali. (*Na quarta*) e eu aqui. (*Na terceira. Estão todos sentados na seguinte ordem, a começar da esquerda: Ramiro, Rosinha, Dona Perpétua, Lopes, Moreira*)

GONÇALO (*de pé*)
E eu?

DONA PERPÉTUA
Fica onde quiseres. Enquanto deliberamos, vai lá dentro, pega numa agulha e cose.

(*Gonçalo procura com a vista uma cadeira, e, não a encontrando, vai debruçar-se na sacada ao fundo, ficando de frente para a cena*)

DONA PERPÉTUA

Está aberto o conselho de família.

RAMIRO (*erguendo-se*)

Tomo a palavra. Reuni-os para comunicar-lhes uma ideia grandiosa que há duas horas me anda dançando no cérebro.

LOPES (*a uma cara de Dona Perpétua*)

Não se assuste com essa coreografia, mana.

RAMIRO

Nós possuímos um escravo.

DONA PERPÉTUA

Um só, infelizmente. Meu pai, teu tio, morreu sem testamento.

LOPES

Ab intestato.

DONA PERPÉTUA

Deixou por única herança um escravo.

(Lopes ergue-se. Ramiro senta-se)

LOPES

Não houve composição entre os herdeiros: o escravo não foi à praça... Como o negro, apesar de ser coisa, não era coisa que se dividisse, sim, porque afinal de contas, eu não podia ficar com a cabeça, ali a mana com uma perna, etc., resolvemos fazer o que em direito se chama uma partilha amigável. O escravo veio prestar serviços à mana, sem deixar, *ipso facto* de nos pertencer a todos.

(Senta-se. Ramiro levanta-se)

RAMIRO

Muito bem. Este pobre Liberato, que assim se chama o escravo...

LOPES

Paradoxo batismal;

RAMIRO

Esse pobre Liberato há vinte anos que nos presta muito bons serviços.

DONA PERPÉTUA (*erguendo-se*)

Muito bons serviços? Ora, sou sua criada, senhor meu sobrinho! Muito bons serviços! Um desavergonhado! Um preguiçoso! Um beberrão!

RAMIRO (*com violência*)

Desavergonhado! E quer que tenha vergonha um miserável escravo!

LOPES (*idem*)

Preguiçoso! E quer que seja ativo quem nunca viu a recompensa do seu trabalho!

RAMIRO (*idem*)

Beberrão! Nunca se constou que o Liberato bebesse!

(Todos se erguem e falam ao mesmo tempo. Gonçalo desce ao proscênio. Confusão geral)

RAMIRO

É uma injustiça! Sugar-lhe o sangue durante vinte anos, e, ao cabo, tratá-lo desta sorte! Isto brada aos céus!

LOPES

Com isto já contava eu! E então quando a mana souber da ideia do Ramiro! O melhor é tratar já do depósito!

DONA PERPÉTUA

É um preguiçoso, um beberrão, repito! Não presta para nada! Não me tem dado senão desgostos o maldito do negro!

ROSINHA

Mas, meu Deus! o que é isto? Fale cada um por sua vez! Assim não se podem entender! Silêncio!

MOREIRA

E então! Estamos na Assembleia Provincial? Entendam-se!

GONÇALO

Isto parece mais a Praia do Peixe! Silêncio! Olhem os vizinhos!

RAMIRO (*conseguindo falar mais alto que os outros, que se calam*)

Há dez anos, em 1870, penetrou um ladrão nesta casa. A senhora, minha tia, viu-o e deu um grito! O ladrão avançou, e matá-la-ia com um punhal, se o Liberato, interpondo-se, não o tivesse subjugado.

LOPES

A mana deve a vida a esse desavergonhado, a esse beberão!

DONA PERPÉTUA

Grande coisa! Pois se o diabo tinha visto o ladrão, e se me ouvira gritar, não fez mais que o seu dever, que era salvar sua senhora!

RAMIRO

Em que código está prescrito este dever?

DONA PERPÉTUA

E sabe Deus se o negro não se achava ali com as mesmas intenções do ladrão...

RAMIRO

Oh!...

DONA PERPÉTUA

Os negros são capazes de tudo!

LOPES

Você, mana, é um Clube da Lavoura... de saias...

DONA PERPÉTUA
E você é um malcriado!

RAMIRO
Bem, já vejo que perco o meu latim! A minha proposta está prejudicada.

DONA PERPÉTUA
Mas o que nos queria propor este espirra-canivetes?

RAMIRO
O quê? Ouça, mas não desmaie!

LOPES
Tens razão. São necessárias certas precauções. Espera. (*Batendo nas mãos*) Um... dois... e...

RAMIRO
A liberdade do Liberato.

DONA PERPÉTUA (*saltando*)
O quê?...

RAMIRO e LOPES
A liberdade do Liberato.

DONA PERPÉTUA
Isso nem resposta tem. Sabem que mais? Não sejam tolos, seus pedaços de asnos!

(*Falam todos a um tempo. Confusão geral*)

DONA PERPÉTUA
Era o que me faltava! Alforriar o Liberato! mas por que cargas d'água, seus idiotas?

ROSINHA

Mas que palavras são essas, mamãe? Veja que está aqui o Senhor Moreira.

RAMIRO e LOPES

O que queremos é justo, justíssimo! Um pobre diabo que trabalha de graça há vinte anos, e não nos custou um real!

MOREIRA (*caindo na poltrona, às gargalhadas*)

Ah! Ah! Ah!... Só esta agora me faria rir! Ora estes abolicionistas que querem abolir o que não é seu! Ah! Ah! Ah!

GONÇALO (*à parte*)

Eles não arranjam nada como Dona Perpétua. Oh! com quem se vieram meter! Logo com ela! Boas!...

LOPES (*dominando com sua voz as demais*)

Bem, agora falo eu! A mana quer receber em dinheiro a parte que lhe toca e a sua mulher... Oh! quero dizer: a seu marido? (*Moreira ergue-se*)

DONA PERPÉTUA (*encarando-o com desdém e encolhendo os ombros*)

Vou lá dentro buscar os meus óculos, para ler esta carta. (*Sai pela direita, segundo plano, abrindo a carta. Rosinha vai para a janela*)

LOPES (*a Gonçalo*)

O que diz você, mano Gonçalo?

GONÇALO (*coçando a cabeça*)

Eu?... Eu?... Olhe, eu vou ver o Liberato... O médico ainda não veio e... (*Sai pela esquerda, primeiro plano*)

LOPES (*a Ramiro, enquanto Moreira vai conversar com Rosinha, à janela*)

Esta casa é hoje a imagem perfeita do país em que vivemos. Cada instituição tem hoje aqui o seu emblema. Nós somos os filantropos: a utopia, o direito; aquele fazendeiro pedante, a lavoura, uma força; a mana e a Rosinha, a representação nacional: imposição, sofisma, sujeição; Gonçalo, o povo, indiferença e pusilanimidade.

RAMIRO

E lá está o pobre Liberato, para simbolizar a escravatura.

LOPES (*indo gritar à porta, por onde saiu Dona Perpétua*)

Ah! é assim que nos trata a mana? Pois é uma questão de capricho! Daqui a uma hora o Liberato está livre! (*Descendo ao proscênio*) Toma!

DONA PERPÉTUA (*voltando, com a carta aberta na mão*)

Hein? Como é lá isso? (*A Moreira, que desce ao proscênio*) Nem me deram tempo de procurar os óculos!

LOPES

É isso mesmo! Lei número 2040 de 28 de setembro de 1871. Artigo quarto, parágrafo primeiro. pecúlio do escravo. Quinhentos mil réis! Não lhe digo mais nada! (*A Ramiro*) Vamos, meu filho, vamos buscar a guia ao juízo de órfãos, para fazer o depósito no Tesouro.

RAMIRO

Vamos! (*Tomam os chapéus, e saem, arrebatadamente, pela esquerda, segundo plano*)

CENA IX

Dona Perpétua, Moreira, Rosinha, à janela.

DONA PERPÉTUA (*atônita, de braços cruzados, depois de uma pausa*)
O que me diz a isto, Senhor Moreira?

MOREIRA (*muito calmo*)

Digo, Senhora Dona Perpétua, que nunca vi coisa que me surpreendesse tanto! É o resultado das tais conferências abolicionistas! Só servem para semear a discórdia no seio das famílias! Mas que o Senhor Ramiro tenhas estas ideias, vá; até certo ponto merece desculpa... Mas seu irmão, minha senhora, o Senhor Doutor Lopes, um homem que me parecia tão bom, propor a

alforria de um negro! Estou perplexo. Ter um negro, um só, e pretender libertá-lo! Eu cá, tenho sessenta e não liberto nem meio! (*Aproximando-se muito dela e baixinho*) E é ao Senhor Ramiro que vão dar a mão daquele anjo? (*Aponta para Rosinha, que se tem conservado na janela*) Ao Senhor Ramiro?! Mas pelo amor de Deus, Senhora Dona Perpétua! o procedimento de seu sobrinho autoriza-me a reiterar o pedido que formalmente lhe fiz ainda há pouco, lá na sala de jantar.

DONA PERPÉTUA (*muito alto*)

É sua a mão de minha filha, Senhor Moreira. (*Rosinha volta-se subitamente e desce ao proscênio*) Não há mais que discutir. (*Com autoridade, a Rosinha*) Está ouvindo, menina? O Senhor Moreira vai ser teu marido.

ROSINHA (*naturalmente*)

Isso não é comigo, mamãe.

(*Gesto de satisfação de Moreira*)

DONA PERPÉTUA

Bem sei, é comigo.

ROSINHA

Também não é com vossemecê.

DONA PERPÉTUA

Queres dizer que é com teu pai. Nesta casa só se faz o que eu quero.

ROSINHA

Não duvido, mas eu não pretendo casar nesta casa e sim na igreja.

DONA PERPÉTUA

Menina!

MOREIRA (*a Rosinha*)

Mas, minha senhora, se isto não é com a senhora, nem com seu pai, nem com sua mãe, com quem é então?

ROSINHA

É com primo Ramiro.

DONA PERPÉTUA e MOREIRA

Hein?

ROSINHA

Certamente. Eu dei o meu coração a primo Ramiro. Para dá-lo a outro homem, é preciso que ele mo restitua.

DONA PERPÉTUA

Pois tem o descoco de falar desse modo em presença de tua mãe?

ROSINHA

Quero a minha liberdade. Parece-me que não sou o Liberato! (*Vai de mau modo para a janela*)

DONA PERPÉTUA

Não é o Liberato! Senhor Moreira, segure-me, senão, deito-me a perder.

MOREIRA (*segurando-a*)

Minha rica senhora, o mundo está perdido. A liberdade anda agora como Salsaparrilha de Bristol.

DONA PERPÉTUA

Uma menina educada no colégio da Baronesa de Geslin!

MOREIRA (*segurando-a sempre*)

Já ouvi dizer que é o melhor colégio da corte!

ROSINHA (*voltando da janela*)

Primo Ramiro aí vem, Senhor Moreira. Peça-lhe que ceda o meu coração. Ofereça luvas. (*Vai encostar-se a um consolo da direita*)

CENA X

Dona Perpétua, Moreira, Rosinha, Doutor Lopes, Ramiro.

LOPES (*entrando com Ramiro pela esquerda*)

Sai, num estado de tal excitação que me não lembrei de que hoje é domingo e o juízo de órfãos não funciona.

MOREIRA (*sorrindo*)

Mesmos nos dias úteis, a estas horas já deve estar encerrada a audiência.

RAMIRO

Vimos ainda uma vez propor-lhes uma conciliação. Recebam os quinhentos mil réis.

DONA PERPÉTUA (*vai como responder, mas arrepende-se*)

Vou lá dentro buscar os meus óculos para ler esta carta. (*Saindo*)

LOPES

A mesma impertinência de ainda agora.

MOREIRA

Não é preciso incomodar-se, Senhora Dona Perpétua: se me der licença, eu leio a carta.

DONA PERPÉTUA

Por favor. (*Passa-lhe a carta e Ramiro vai ter com Rosinha*)

LOPES (*passeando pela sala, à parte*)

Nunca vi homem mais metediço.

MOREIRA (*depois de ler a assinatura*)

A carta vem de Maricá, mas não é do Major Gaudêncio.

DONA PERPÉTUA

De quem é então?

MOREIRA

É do vigário da freguesia. (*À parte*) O que será?

DONA PERPÉTUA

Ah! o vigário é conhecido velho de meu marido. Leia.

MOREIRA (*lendo*)

“Amigo e Senhor Gonçalo. Vou ter o pesar e ao mesmo tempo o prazer de dar a Vossa Senhoria duas notícias, uma boa e outra má.”
(*Aproximam-se todos com curiosidade. Grupo*) “Deus foi servido chamar à Sua presença o Senhor Major Gaudêncio”. E esta!

DONA PERPÉTUA

Pois morreu o compadre?!

TODOS (*consternados*)

Ah!

MOREIRA (*continuando a leitura*)

“Abri hoje mesmo o seu testamento. Deixou tudo quanto possui à sua afilhada Dona Rosa, filha de vossa senhoria. Os escravos, porém, ficaram livres.”

ROSINHA

E se o não ficassem, eu libertá-los-ia.

RAMIRO

Muito bem, Rosinha!

DONA PERPÉTUA

Era o que havíamos de ver! — Continue, Senhor Moreira.

MOREIRA (*que tem lido para si o resto da carta, disfarça, fecha-a e entrega-a a Dona Perpétua*)

É só.

LOPES (*que se acha ao lado do Moreira, e tem também lido*)
Perdão, mas o senhor não leu tudo. (*Toma a carta e abre-a*)

MOREIRA

Ah! É verdade! Esquecia-me que tenho de jantar com um amigo político à Rua de São Clemente. Minhas senhoras e senhores, passem bem! (*Toma o chapéu e sai*)

ROSINHA

Na verdade, o Senhor Moreira era aqui demais: morreu meu padrinho, já não tinha a quem representar.

LOPES (*que tem aberto a carta, lendo*)

“O testador impôs apenas uma condição: Dona Rosa só poderá aceitar a herança, casando com seu primo, o Senhor Ramiro Lopes!”

RAMIRO e ROSINHA

Ah! (*Corre um para o outro*)

RAMIRO

Minha tia, agora não peço: exijo a liberdade do Liberato. A felicidade de sua filha está nas minhas mãos.

CENA XI

Dona Perpétua, Rosinha, Ramiro, Doutor Lopes e Gonçalo.

GONÇALO (*entrando, fora de si*)

Sabem?... Sabem?... O Liberato...

TODOS

O que tem?!

GONÇALO

Morreu!

TODOS
Morreu?!

GONÇALO
De repente. Quando entrei no quarto, exalava o último suspiro.

DONA PERPÉTUA (*desabridamente, depois da muda estupefação geral*)
E eu, que recusei os quinhentos mil réis!...

LOPES
Com esse dinheiro far-lhe-emos um enterro decente. (*A Ramiro*)
Disseste que o Liberato simbolizava a escravatura; vês?
Decididamente a morte é o único meio eficaz de emancipação.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com